

Análise epidemiológica da automedicação por analgésicos não opioides em acadêmicos de uma instituição de ensino superior do oeste do Paraná

Epidemiological analysis of self-medication of non-opioid analgesics in students of a higher education institution in western Paraná

Análisis epidemiológico de la automedicación con analgésicos no opioides en estudiantes de una institución de enseñanza superior en el oeste de Paraná

Recebido: 08/05/2023 | Revisado: 26/05/2023 | Aceitado: 27/05/2023 | Publicado: 01/06/2023

Vicenzo Hoffmann Di Guida

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6668-7254>
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, Brasil
E-mail: diguiddavicenzo@gmail.com

Luís Antônio Di Guida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8709-3232>
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Brasil
E-mail: ladiguidda@gmail.com

Resumo

Objetivo: analisar a prevalência da automedicação por analgésicos não opioides em estudantes de Medicina do Centro Universitário FAG. *Método:* Trata-se de um estudo transversal e observacional. O universo da pesquisa foi composto por acadêmicos de Medicina do Centro Universitário FAG da cidade de Cascavel, estado do Paraná. Foi aplicado um questionário validado com variáveis sociais e de consumo de medicamentos, seguido de análise estatística. As informações coletadas foram tabuladas através de planilha construída no Microsoft Office Excel®. O estudo foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo parecer 6.040.008. *Resultados:* Houve 100 participantes nessa pesquisa. Dentre eles, 86% afirmam que já adquiriram medicamentos sem receita. No presente estudo, o fator que influenciou a maioria dos entrevistados a decidirem pela automedicação foi a indicação por farmacêuticos, representando 47,9% das respostas. Entre as opções de medicamentos contidos no questionário, o mais utilizado é o Paracetamol, com 70% das respostas. Observa-se que a etiologia mais comum de automedicação é a Cefaleia. Soma-se a isso, o fato de grande parte dos acadêmicos afirmarem que se sentem mais aptos a se automedicarem por serem do curso de Medicina. *Conclusão:* Este estudo permitiu visualizar os aspectos epidemiológicos, a prevalência, as principais epidemiologias e os medicamentos mais utilizados para automedicação em acadêmicos de Medicina.

Palavras-chave: Automedicação; Dor; Analgésicos não opioides.

Abstract

Objective: To analyze the prevalence of self-medication of non-opioid analgesics among medical students at FAG University Center. *Method:* This is a cross-sectional, observational study. The study population consisted of medical students at the Centro Universitário FAG in the city of Cascavel, Paraná State, Brazil. A validated questionnaire with social and drug consumption variables was applied, followed by statistical analysis. The collected information was tabulated using a Microsoft Office Excel® spreadsheet. The study was approved by the Research Ethics Committee (CEP) by opinion 6.040.008. *Results:* There were 100 participants in this research. Among them, 86% stated that they had already purchased over-the-counter medications. In this study, the factor that influenced most of the interviewees to decide for self-medication was the indication by pharmacists, representing 47.9% of the answers. Among the options of medications contained in the questionnaire, the most used is Paracetamol, with 70% of the answers. It can be observed that the most common etiology of self-medication is headache. Added to this is the fact that most of the students affirmed that they felt more able to self-medicate because they were in a medical course. *Conclusion:* This study allowed us to visualize the epidemiological aspects, the prevalence, the main epidemiology and the drugs most used for self-medication among medical students.

Keywords: Self-medication; Pain; Non-opioid analgesics.

Resumen

Objetivo: Analizar la prevalencia de automedicación de analgésicos no opioides entre los estudiantes de medicina del Centro Universitario FAG. *Método:* Se trata de un estudio observacional transversal. La población de estudio estuvo constituida por estudiantes de medicina del Centro Universitario FAG de la ciudad de Cascavel, Estado de Paraná, Brasil. Se aplicó un cuestionario validado con variables sociales y consumo de drogas, seguido de análisis estadístico.

La información recogida se tabuló utilizando una hoja de cálculo de Microsoft Office Excel®. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación (CEP) por la opinión 6.040.008. *Resultados:* Hubo 100 participantes en esta investigación. Entre ellos, 86% declararon que ya habían comprado medicamentos sin receta. En el presente estudio, el factor que más influyó en los entrevistados para decidirse por la automedicación fue la indicación de los farmacéuticos, representando el 47,9% de las respuestas. Entre las opciones de medicamentos contenidas en el cuestionario, la más utilizada es el Paracetamol, con 70% de las respuestas. Se observa que la etiología más común de la automedicación es el Dolor de Cabeza. A esto se añade el hecho de que la mayoría de los estudiantes afirmaron que se sentían más capaces de automedicarse por ser estudiantes de Medicina. *Conclusión:* Este estudio permitió visualizar los aspectos epidemiológicos, la prevalencia, las principales epidemiologías y los fármacos más utilizados para la automedicación en estudiantes de Medicina.

Palabras clave: Automedicación; Dolor; Analgésicos no opioides.

1. Introdução

A definição de automedicação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é dada como sendo o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e/ou acompanhamento do médico ou cirurgião dentista. (Santos & Soteiro, 2016) Nesse contexto, essa prática, pelo fato de não estar orientada por um profissional, geralmente traz consequências para a saúde dos indivíduos. Além disso, a facilidade e alta disponibilidade em obter medicamentos de tarja vermelha e aos medicamentos isentos de prescrição (MIP) colaboram no atual cenário e no uso sem critérios. (Paulo & Zanini, 1988).

A venda de analgésicos em bares, lanchonetes e até em bancas de jornal, demonstra que estes são os remédios mais consumidos por automedicação no país. (Bastos et al., 2007). Pode-se ainda afirmar que a forte indústria farmacêutica exerce sua influência a população através de campanhas de marketing sobre os possíveis benefícios de seus medicamentos para as mais diversas patologias existentes na população. (Macedo et al., 2016).

Apesar de ser fundamental a utilização de fármacos em determinadas situações, o uso em primeira instância deve ser orientado por um profissional da saúde apto que poderá avaliar com critério se o paciente pode realmente usufruir de algum benefício decorrente de determinada medicação, sem que os efeitos colaterais possam trazer algum tipo de malefício. (Bernardes et al., 2020).

Dentre as possibilidades que levam ao uso de analgésicos não opioides encontra-se um dos 5 sinais vitais: Dor. A dor é dividida basicamente em dois tipos: aguda; e crônica, que para Marquez (2011), é importante diferenciá-las: A dor aguda é considerada um sinal de alerta fisiológico de extrema importância para a sobrevivência. Esta tem uma duração limitada no tempo e no espaço e termina com a resolução do processo algico. A dor crônica, por outro lado, carece de um alerta biológico e de um propósito de sobrevivência e pode ser considerada uma verdadeira doença. Em termos de perspectiva temporal, os conceitos se diferem, pois a dor crônica dura mais de três ou seis meses e pode continuar existindo após a cicatrização da lesão inicial. Às vezes, a causalidade não é alcançada, o que não invalida seu diagnóstico e existência.

Dessa forma, essas duas classificações de dor proporcionam um amplo espectro de possibilidades de automedicação, e o manejo farmacológico é de suma importância em certos casos. Contudo, o foco deve ser multidisciplinar, e não apenas sintomático, focando também nos fatores que possam agravar as dores em determinadas patologias assim como estratégias não farmacológicas.

É válido lembrar que uma pessoa com dor crônica ou aguda pode ter prejuízos na sua qualidade de vida em decorrência de uma maior suscetibilidade a irritabilidade, depressão mental, estresse, dificuldade em realizar atividades diárias, e em suas relações sociais (Bastos et al., 2007).

Para Marquez (2011) a modulação da dor é influenciada por fatores físicos e psíquicos. Sendo assim, observa-se que o processo psicológico influencia na quantidade e qualidade da dor. Isso ocorre, pois, a angústia, o medo e a ansiedade são de suma influência na percepção individual dos estímulos algicos. Da mesma maneira, o autor cita em seus estudos que “O

entendimento da dor não deve se limitar a sua expressão neuro sensitiva, e sim também como uma mensagem emocional, uma metáfora perceptiva”. Sendo assim, a abordagem do manejo da dor deve ser individualizada e não genérica.

Os analgésicos não opioides têm importante papel no tratamento da dor, seja aguda ou crônica. Neste trabalho serão citados os principais fármacos que possuem ação analgésica usados no cotidiano, dentre eles: Paracetamol, Dipirona, Ibuprofeno, Ácido Acetilsalicílico (AAS), Naproxeno e Escopolamina.

O Paracetamol compõe os medicamentos do grupo dos analgésicos e antipiréticos, sua ampla utilização é baseada na facilidade do acesso, eficácia satisfatória, segurança quando utilizado em doses adequadas e tolerabilidade aos efeitos adversos. Soma-se a isso, a disponibilidade variada de formas farmacêuticas para uso. (Egídio et al., 2021). Apesar de seu uso cotidiano, o Paracetamol pode induzir fatores colaterais adversos ao tratamento, tais como vômito e diarreia mais frequentemente, e hepatotoxicidade em altas doses. (Koppen et al., 2014).

A Dipirona é um fármaco analgésico e antitérmico, com indicação para casos de cefaleias, neuralgias, cólica renal, dores reumáticas e de outras origens. Diversos países não aceitam a comercialização da Dipirona, porém no Brasil a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) aprovou o uso deste medicamento considerando uma boa relação risco benefício quando comparado com outros fármacos com a mesma finalidade. (Knappmann & Melo, 2010).

Na classe dos analgésicos não esteroidais (AINES), o Ibuprofeno é utilizado para cefaleias, cólicas menstruais, dor muscular, doenças reumáticas, entre outras. Observa-se, que sua utilização é voltada para dores suaves e moderadas. Esse medicamento é popularmente usufruído pela sociedade, sendo um alvo fácil de ambos os fatos: automedicação e uso indiscriminado. Seus efeitos colaterais se baseiam em hemorragia, ulcerações, perfurações gastrintestinais, alterações respiratórias, entre outros. (Ibuprofeno BULA, 2023).

Já o Naproxeno, assim como outros anti-inflamatórios não esteroides (AINES), tem seu uso frequente pela sociedade devido suas características anti-inflamatórias e analgésicas mais potentes e com ação prolongada, estando entre os medicamentos mais prescritos no mundo. (Martins & Nunes, 2020) Seu desempenho sobre as prostaglandinas exerce diversos benefícios como a diminuição de dor do pós-operatório, ação antipirética agindo no hipotálamo, vasoconstrição da vasculatura cerebral, entre outros. Porém, apesar de eliminar os sinais e sintomas de inflamação, apresenta pouca ou nenhuma atividade sobre a doença de base, além de apresentar efeitos adversos significantes, principalmente gastrointestinais. (Rang et al., 2016).

O Ácido Acetilsalicílico também pertence a classe dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) e suas propriedades são analgésicas e antipiréticas. Dentre os principais efeitos adversos, encontram-se a reação de hipersensibilidade, distúrbios renais, sangramentos, distúrbios do trato gastrointestinal superior e inferior. (Egídio et al., 2021).

Entre os fármacos que representam a classe dos antagonistas muscarínicos destaca-se a Escopolamina. O seu efeito ocorre pelo bloqueio da ação da Acetilcolina nos receptores parassimpáticos localizados no Sistema Nervoso Central, musculaturas lisas e glândulas secretoras. Este fármaco é usado, principalmente, para tratamento da cinetose, desconfortos gastrointestinais e cólicas gerais. Os seus efeitos adversos comuns são xerostomia e turvação visual. (Kassel et al., 2018).

Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo avaliar se há o uso indiscriminado de analgésicos não opioides em acadêmicos de Medicina do Centro Universitário FAG, os fatores determinantes para tal uso, os fármacos mais utilizados, a presença de efeitos colaterais, a resposta destes no alívio da dor e seu perfil epidemiológico.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, prospectivo, exploratório, de abordagem quantitativa, de acordo com a metodologia de Pereira et al. (2018). A coleta de dados ocorreu no Centro Universitário FAG, localizado na cidade de Cascavel, estado do Paraná.

A participação foi voluntária e aqueles que concordaram em participar assinaram, previamente, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esse consentimento da pesquisa seguiu as normas descritas nas resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Para a coleta de dados foram utilizados questionários validados, aplicados por meio da plataforma Google Forms, incluindo variáveis como: perfil epidemiológico dentro do grupo em estudo, os fatores determinantes para a automedicação, os analgésicos mais utilizados, a presença de efeitos colaterais e a efetividade deles no tratamento e alívio da dor.

Os critérios de inclusão utilizados na composição da amostra foram acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário FAG, matriculados do 1º ao 12º período, do sexo feminino e masculino, de idade maior que 18 anos.

A amostra foi composta por 100 questionários respondidos no período de estudo. Os dados foram coletados em abril e maio de 2023 e foram apresentados em frequência absoluta e percentual. Foram demonstrados em forma de tabelas e gráficos de acordo com as variáveis existentes. Para a produção estatística foi utilizado a ferramenta do Microsoft Office Excel 2010.

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa- CEP, por tratar-se de um estudo envolvendo seres humanos, e foi aprovado pelo parecer 6.040.008.

3. Resultados e Discussão

Neste estudo buscou-se analisar os dados dos alunos de Medicina do 1º ao 12º período do Centro Universitário FAG. Foram enviados questionários por meio da plataforma Google Forms para acadêmicos de Medicina e obteve-se 100 respostas, destas, 27 eram do ciclo básico (27%), 35 eram do ciclo clínico (35%) 38 estavam no internato (38%).

A tabela 1 subscrita mostra a faixa etária e o sexo dos estudantes envolvidos na pesquisa. Na faixa etária abaixo dos 19 anos foram 10 estudantes (10%), entre 20-24 anos foram 57 estudantes (57%) e 25 anos ou mais, 33 estudantes (33%). Em relação ao sexo, 57 alunos eram do sexo feminino (57%) e 43 eram do sexo masculino (43%).

Tabela 1 - variáveis de gênero e idade.

<i>Variáveis</i>	<i>Frequência</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Gênero</i>		
<i>Feminino</i>	57	57%
<i>Masculino</i>	43	43%
<i>Idade</i>		
<i>Até 19 anos</i>	10	10%
<i>20-24 anos</i>	57	57%
<i>25 anos ou mais</i>	33	33%

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na Tabela 2 foram elencadas as perguntas relacionadas a compra de medicamentos sem receita, o uso de receita médica desatualizada, uso indevido de medicamentos, malefício e efeito colateral por automedicação.

De acordo com as respostas, 86% acadêmicos já compraram medicamento sem receita, demonstrando a banalização da prática de automedicação. Em relação ao uso de receita médica desatualizada a maioria dos acadêmicos responderam que não fizeram o seu uso (72,7%). Sobre o uso de maneira incorreta de algum medicamento, 41% indicaram que fazem o uso adequado conforme prescrição médica. Em contrapartida 59% afirmaram que já fizeram o uso incorreto após prescrição médica.

Tabela 2 - Variáveis relacionadas a automedicação.

Variáveis	Frequência	
	N	%
Você já comprou medicamento sem receita?		
<i>Sim</i>	86	86,9%
<i>Não</i>	13	13,1%
Você já usou uma receita médica desatualizada?		
<i>Sim</i>	27	27,3%
<i>Não</i>	72	72,7%
Após a prescrição médica você já fez uso de um medicamento de maneira incorreta?		
<i>Não</i>	41	41%
<i>Sim, tomei nos horários incorretos</i>	30	30%
<i>Sim, tomei por menos tempo que o indicado</i>	23	23%
<i>Sim, tomei por mais tempo que o indicado.</i>	6	6%
Você acha que há algum malefício na automedicação?		
<i>Sim</i>	47	47,5%
<i>Não</i>	13	13,1%
<i>Talvez</i>	39	39,4%
Você já teve algum efeito colateral por automedicação?		
<i>Sim</i>	20	20%
<i>Não</i>	80	80%

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A partir dos dados obtidos na Tabela 2 observa-se que 47,5% dos acadêmicos acreditam que há malefício na automedicação, 13,1% acham que não há algum malefício e 39,4% afirmam que talvez possa existir algum malefício por essa prática. Apesar disso, apenas 20% dos acadêmicos já tiveram algum efeito colateral por automedicação, enquanto 80% negam esse fato.

Um projeto realizado por Santana et al. (2023) cujo tema era voltado para a intoxicação medicamentosa exógena por automedicação ilustrou que o uso irracional de medicamentos é o principal fator presente nas intoxicações medicamentosas. Esse fato pode ser causado tanto pela automedicação quando por falta de conhecimento sobre a sua posologia e administração, e erros de prescrição.

O estudo supracitado também demonstra que as maiores vítimas de intoxicação medicamentosa são mulheres motivadas pela automedicação para alívio de dores por doenças crônicas. Além disso, nota-se que os idosos estão altamente propensos a intoxicação medicamentosa devido a mudanças bioquímicas, fisiológicas e psicológicas relacionada a senilidade.

Deve-se ter em mente que a automedicação possui muitos riscos ligados ao seu processo e não apenas pode causar intoxicação, mas também mascarar sintomas de doenças mais graves, interações medicamentosas, dependência e até mesmo levar a morte. (Azevedo et al., 2023)

A Tabela 3 faz uma relação se os estudantes de Medicina se sentem mais aptos a se automedicarem e se já usaram do conhecimento do meio acadêmico para se automedicarem. Os dados apontam que 64% dos estudantes se sentem mais aptos a se automedicarem por serem do curso de Medicina. Da mesma maneira, 60% dos acadêmicos já utilizaram do conhecimento adquirido na faculdade para realizarem essa prática. Com isso, observa-se apesar dos estudantes não estarem devidamente graduados, há uma expectativa de que a prática de automedicação é condizente com o processo de sua formação profissional.

Tabela 3 - Automedicação entre os estudantes de Medicina.

Variáveis	Frequência	
	N	%
<i>Você se sente mais apto a se automedicar por ser estudante do curso de Medicina?</i>		
Sim	64	64%
Não	36	36%
<i>Você já se utilizou do conhecimento adquirido no meio acadêmico para se automedicar?</i>		
Sim	60	60%
Não	40	40%

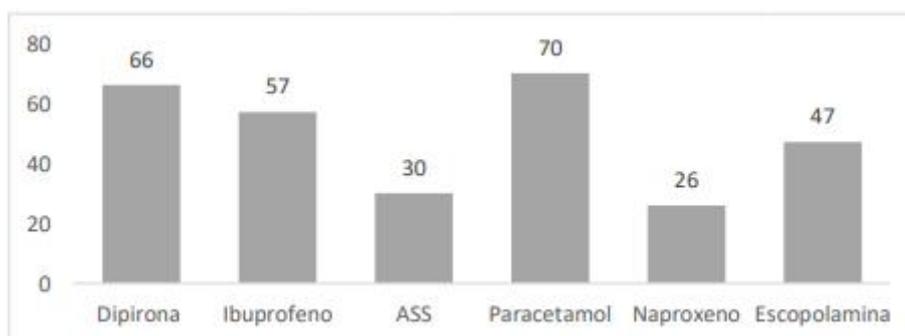
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Alguns trabalhos corroboram com estes achados e trazem que a automedicação entre os estudantes de medicina aumenta gradativamente ao decorrer da graduação. É o caso do estudo elaborado por Tognoli et al. (2019) que aponta que no curso de Medicina é comum a automedicação entre estudantes, e que esta ocorre, principalmente, em acadêmicos que possuem convênio médico. Além disso, esse estudo também demonstra que os medicamentos mais comprados são os analgésicos e os anti-inflamatórios, uma vez que, de acordo com a ANVISA, não há necessidade de receituário médico para suas aquisições.

Assim como supracitado, este estudo também aponta que grande parte dos acadêmicos que praticam automedicação possuem plano de saúde, representando 65% dos entrevistados.

No Gráfico 1 foram elencados os principais medicamentos que possuem ação analgésica e não são opioides usados na prática de automedicação pelos acadêmicos, eles poderiam escolher mais de uma opção medicamento. A partir dos resultados expostos é possível perceber que o fármaco mais citado foi o Paracetamol (70), seguido pela Dipirona (66), Ibuprofeno (57), Escopolamina (47), AAS (30) e Naproxeno (26).

Gráfico 1 - Analgésicos não opioides usados na automedicação.

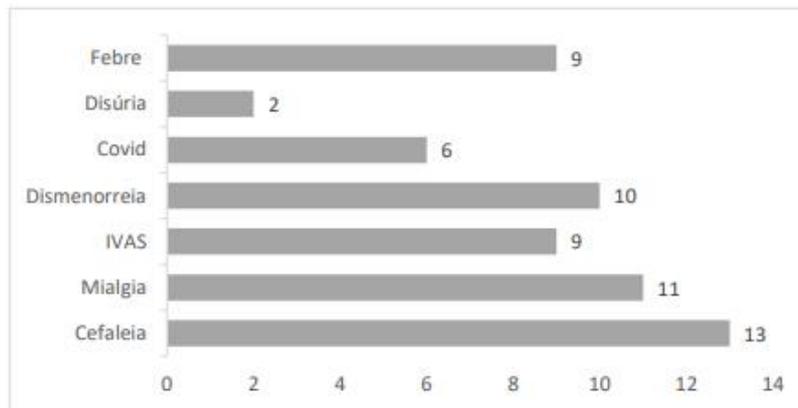


Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Da mesma maneira que observado no gráfico acima, para o autor Tonon et al. (2020) o Paracetamol tem seu uso de maneira indiscriminada e sem devido conhecimento e orientação médica de forma quase unânime em uma população de adultos estudados. O resultado de seu estudo também demonstra que a prevalência da utilização desse fármaco por estudantes universitários é alta e, além disso, existe o hábito de indicação para outras pessoas sem a preocupação de efeitos colaterais e possíveis interações.

O Gráfico 2 demonstra as causas que levaram os acadêmicos a se automedicarem. Obteve-se 64 respostas, sendo que as principais etiologias foram febre (9), disúria (2), Covid-19 (6), dismenorreia (10), IVAS (9), mialgia (11) e cefaleia (13). Algumas causas foram citadas apenas 1 vez, sendo elas: dengue, dor crônica, dor de dente e reação pós vacina.

Gráfico 2 - Principais etiologias que levam a automedicação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

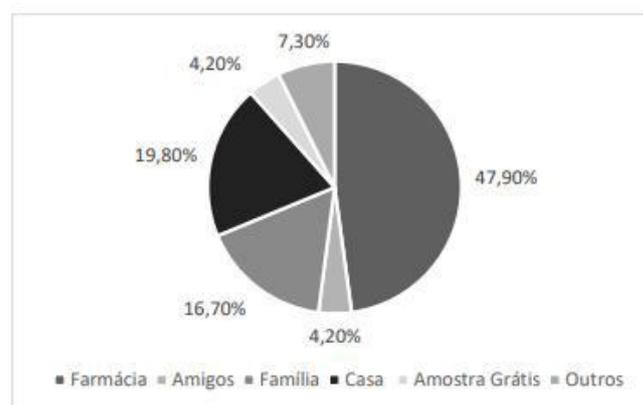
Em consonância com um estudo realizado por Oliveira e Pelógia (2011) a cefaleia foi a causa mais prevalente de automedicação. Esta patologia é uma queixa comum no pronto atendimento, apesar de seu tratamento, na maioria da população afetada, ocorrer na atenção primária. Este estudo também demonstra que a cefaleia é mais prevalente em mulheres, porém acomete indivíduos em todas as faixas etárias e é uma condição limitante que interfere na qualidade de vida. Por esses fatos, muitos pacientes buscam tratamento agudo sem acompanhamento médico para proporcionar alívio rápido, completo e efetivo da dor e sintomas associados.

Quando questionado aos acadêmicos se eles obtiveram resposta satisfatória por meio da automedicação, 73% responderam que sim. De forma que apenas 27% deles tiveram que buscar auxílio de um profissional médico.

Em um estudo feito por Lopes et al. (2022) foram entrevistados 50 participantes sobre a predominância de automedicação em casos de cefaleia e gastralgia. Foi observado que a maioria dos entrevistados alegou que não passou por nenhuma consulta médica nos últimos 6 meses. Tal fato é preocupante pois tanto a gastralgia como a cefaleia, apesar de serem queixas comuns, podem ser agravos de etiologias multifatoriais ou decorrentes de transtornos maiores, sendo essencial uma avaliação e conduta médica.

No presente estudo o fator que influenciou a maioria dos entrevistados a decidir pela automedicação foi a indicação por farmacêuticos, representando 47,9% das respostas, assim como demonstra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Locais de aquisição de medicamentos para a automedicação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Deve-se colocar em destaque o encargo fundamental que o profissional farmacêutico exerce no que tange o aspecto de indicação e orientação no uso de medicações. Esse papel ficou mais claro durante a pandemia da Covid-19, visto a sobrecarga do sistema de saúde, o farmacêutico teve atribuição estratégica durante esse cenário. Vale destacar que a pandemia teve grande influência na prática da automedicação, pois a ampla circulação de informações relacionadas a medicamentos para o tratamento da Covid-19 fomentou a compra de fármacos sem prescrição médica. (Santana et al., 2023)

Da mesma maneira, pode-se afirmar que a grande quantidade de remédios sem receita comprados nas farmácias ocorre devido o marketing exercido pela indústria farmacêutica. De acordo com uma pesquisa feita por Azevedo et al. (2023) 45,2% dos entrevistados já utilizaram medicamentos por influência da propaganda. Soma-se a isso, o aumento de 1,2 vezes a prevalência da automedicação por remédios com alto índice de marketing. O mesmo artigo mostra que a indústria farmacêutica investe 35% do valor das vendas em publicidade. O marketing de medicamentos isentos de prescrição induz a impressão de segurança ao consumidor, porém, a falta de conhecimento sobre o fármaco pode levar a uma administração errônea por parte do paciente.

4. Considerações Finais

Destaca-se, portanto, que a investigação em saúde por meio de estudos epidemiológicos é uma ferramenta muito importante para o controle e melhoria de doenças e agravos. Este tema tem sido admitido e recomendado por muitas instituições. A pesquisa realizada permitiu conhecer alguns dados epidemiológicos sobre os casos de automedicação de analgésicos não opioides por estudantes de Medicina do Centro Universitário FAG.

Com base nesses dados, pode-se concluir que a acessibilidade aos fármacos analgésicos não opioides e a expectativa de formação profissional em Medicina são os principais fatores que influenciam a automedicação entre os acadêmicos. No entanto, o tratamento deve considerar muitos fatores, desde mudanças comportamentais até suporte psicológico, a fim de abordar a causa da dor, bem como os seus sintomas. Soma-se a isso o tratamento personalizado com acompanhamento profissional para que os pacientes não sofram com efeitos colaterais e uso indevido e indiscriminado proporcionado pela generalidade farmacêutica implantada na bula.

Assim, diante dos resultados obtidos, nota-se a importância de se estabelecer mais pesquisas com abordagem epidemiológica, visando uma melhor compreensão da prática de automedicação, bem como a necessidade de desenvolver estratégias para reduzir esse problema. Para futuros trabalhos, sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas avaliando os mesmos parâmetros em diferentes universidades do Brasil, com intuito de averiguar semelhanças e diferenças nos resultados obtidos nesse estudo.

Referências

- Azevedo, M. C., Santos, R. P. dos, & Menezes, A. C. P. M. (2023). Influência da Propaganda na Automedicação entre a população de Vitória da Conquista. ID on Line. *Revista de Psicologia*. 17(65), 383–396.
- Bastos, D. F., Silva, G. C. C. da, Bastos, I. D., Teixeira, L. A., Lustosa, M. A., Borda, M. C. da S., Couto, S. C. R., & Vicente, T. A. (2007). Dor. *Revista Da SBPH*, 10(1), 85–96.
- Bernardes, H. C., Costa, F. F., Wanderley, J. C. S., de Farias, J. P., Liberato, L. S., & Villela, E. F. de M. (2020). Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira / Epidemiological profile of self-medication among medical academics of a brazilian public university. *Brazilian Journal of Health Review*. 3(4), 8631–8643.
- Egídio, A. C. de M., Andrade, L. G. de., Lobo, L. C., & Silva, M. S. da. (2021). Atuação do farmacêutico no processo de intoxicação por analgésicos não-opioides e anti-inflamatórios não-esteroides (AINES). *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*. 7(9), 884–894.
- Ibuprofeno: comprimidos (2023). Responsável técnico Charles Ricardo Mafra. Minas Gerais: *CIMED*. Bula de remédio.
- Kassel, L., Nelson, M., Shine, J., Jones, L. R., & Kassel, C. (2018). Scopolamine Use in the Perioperative Patient: A Systematic Review. *AORN Journal*. 108(3), 287–295.
- Knappmann, A. L., & Melo, E. B. de. (2010). Qualidade de medicamentos isentos de prescrição: um estudo com marcas de dipirona comercializadas em uma drogaria de Cascavel (PR, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*. 15(3), 3467–3476.

- Koppen, A., van Riel, A., de Vries, I., & Meulenbelt, J. (2014). Recommendations for the paracetamol treatment nomogram and side effects of N-acetylcysteine. *The Netherlands journal of medicine*. 72(5), 251–257.
- Lopes, A. T., Oliveira, M. E. F., Brum, H. C., & Coêlho, M. D. G. (2022). Predominância da automedicação no controle de cefaleia e gastralgia na população de um município da região metropolitana do vale do paraíba- sp. *Revista Ciência E Saúde On-Line*. 7(1),6-13.
- Macedo, G. R., Carmo, B. B. do, Castro, G. F. P. de, & Correa, J. B. (2016). O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil. *Revista Transformar*. 9(0), 114–128.
- Marquez, J. O. (2011). A dor e os seus aspectos multidimensionais. *Ciência E Cultura*. 63(2), 28–32.
- Martins, M. S. de A., & Nunes, E. E. M. (2020). A ingestão do anti-inflamatório não esteroide naproxeno afeta parâmetros neuromusculares e metabólicos? *Arq. Ciências Saúde UNIPAR*. 24(3),139-144.
- Oliveira, A. L. M. de., & Pelógia, N. C. C. (2011). Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. *Revista Dor*. 12(2), 99–103.
- Paulo, L. G., & Zanini, A. C. (1988). Automedicação no Brasil. *Revista da Associação Médica Brasileira*. 34(2), 69-75.
- Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. UFSM. 1, 70-92.
- Rang, H.P., Ritter, J.M., Flower, R.J., & Handerson, G. (2016a). *Rang & Dale: Farmacologia*. Editora Elsevier, 8, 722-723.
- Santana, J. K. dos S. de, Sousa, J. R. dos A., & Araújo, J. L. (2023). Investigação epidemiológica dos casos de intoxicação exógena por medicamentos decorrentes da automedicação no estado do Piauí. *Research, Society and Development*. 12(3):e1311234060.
- Santos, M. A. dos, & Soteiro, K. A. (2016). A automedicação no brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Repositório Institucional PUCRS*. 9(2), 1-15.
- Tognoli, T. D. A., Tavares, V. D. O., Ramos, A. P. D., Batigalia, F., De Godoy, J. M. P., & Ramos, R. R. (2019). Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. *Journal of Health & Biological Sciences*. 7(4), 382.
- Tonon, A. V., Borges, C. S., RovariI. M., & Cintra, R. B. (2020). Consequências da automedicação e uso indiscriminado do anti-inflamatório não esteroide paracetamol em adultos. *Revista Artigos. Com*, 22, e5797.